

DE ANJOS E DE MONSTROS: A ESTETIZAÇÃO DO MARAVILHOSO

Luiz Fernando Pinto Bahia¹
(Universidade Mackenzie, São Paulo, Brasil)

O presente ensaio tem por objetivo identificar na obra *A Demanda do Santo Graal* (versão portuguesa), edição preparada por Augusto Magne, e em *O Dia dos Prodígios*, de Lídia Jorge, a presença e o significado de forças ou seres sobrenaturais enquanto gênese do maravilhoso.

Consultando Todorov verifica-se a seguinte afirmação:

Num mundo que é bem o nosso, tal qual o conhecemos, sem diabos, sílfides nem vampiros, produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mundo familiar. Aquele que vive o acontecimento deve optar por uma das soluções possíveis: ou se trata de uma ilusão dos sentidos, um produto da imaginação, e nesse caso, as leis do mundo continuam a ser o que são. Ou então esse acontecimento se verificou realmente, é parte integrante da realidade; mas neste caso ela é regida por leis desconhecidas para nós. Ou o diabo é um ser imaginário, uma ilusão, ou então existe realmente, como os outros seres vivos, só que o encontramos raramente. O fantástico ocupa o tempo dessa incerteza; assim que escolhemos uma ou outra resposta, saímos do fantástico para entrar num gênero vizinho, o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que não conhece as leis naturais, diante de um acontecimento aparentemente sobrenatural.²

1

Prossegue Todorov indicando que é possível estabelecer a seguinte classificação: estranho puro, fantástico-estranho, fantástico-maravilhoso e maravilhoso puro. O fantástico-

¹ Luiz Fernando Pinto Bahia, bacharel e licenciado em Letras Orientais (Português e Russo pela Universidade de São Paulo), possui cursos de pós-graduação *lato sensu* em Literatura Brasileira e Técnicas de Ensino e *stricto sensu* nas áreas de Estudos Brasileiros e de Planejamento Estratégico. É professor do Curso de Pedagogia do Centro de Educação, Filosofia e Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

² TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 148.

estranho se enquadra naquelas narrativas cujos acontecimentos, inicialmente sobrenaturais, recebem ao final uma explicação racional. E no fantástico-maravilhoso o fato sobrenatural não pode ser explicado pelas leis da natureza. Ao estranho puro se enquadram os fenômenos explicados pelas leis da realidade e ao maravilhoso puro estão reservados os contos de fadas e a ficção científica que necessariamente não produzem nas personagens nem no leitor implícito reações particulares, num verdadeiro mundo do “faz-de-conta” ou puro entretenimento.

Os textos em análise, neste ensaio, sugerem que a Besta Ladrador, na *A demanda do Santo Graal* e a Serpente Voadora, no *O dia dos Prodígios* se localizam na classe do fantástico-maravilhoso, ou seja, das narrativas que se apresentam como fantásticas e que remetem ao sobrenatural. Narrativas, aliás, mais próximas do fantástico-puro, pois não podem ser explicadas ou racionalizadas.

Os próprios títulos das obras citadas já inspiram tal postura:

1. *A Demanda do Santo Graal* o qual se revela, de forma miraculosa, no dia de Pentecostes, aos cavaleiros de Artur, após um “trovão tão grande e espantoso”, como se fora a voz de Jeová, seguido de uma “tão grande claridade, que tornou o paço dois tantos mais claro que era antes.” E, assim maravilhados pelo Espírito Santo, perceberam a presença do Vaso Sagrado, coberto de um veludo branco, sem verem quem o trazia. O Graal torna o paço também “todo repleto de bom odor, como se todos os perfumes do mundo lá estivessem”, deslocando-se, a seguir, por todas as mesas e deixando-as repletas de “tal manjar, qual em seu coração desejava cada um.”³ E, após haver saciado os cavaleiros da Távola Redonda, desapareceu de maneira mágica. A Demanda terá início, nesse ambiente fantástico, pleno de efeitos sinestésicos e sob o temor do Rei Artur quanto à fragmentação do reino de Logres.
2. *O Dia dos Prodígios*, quando a Serpente Voadora torna-se visível à população de uma pequena aldeia do Algarve, em situação sobrenatural e que depois de morta por Jesuína Palha, e, exalando “um cheiro a cobrum”, desaparece nos ares, de maneira inexplicável, sob a forma de um dragão de “asas de escamas, espelhadas e furta-cores”⁴. Desenvolve-se, então, um mito em que cada figura da comunidade interpreta, a seu modo, o paradeiro do réptil. Ao mesmo tempo, deste episódio extraordinário, Portugal vive um momento histórico real: a Revolução dos Cravos de 1974 que “demandava” também seu Graal, numa ressignificação de novos tempos de bem-aventurança para a nação lusa.

Na acepção de Le Goff “O fato de as provas do cavaleiro passarem por toda uma série de maravilhas – maravilhas que ajudam (como certos objetos mágicos) ou maravilhas que é preciso combater (como os monstros) – levou Erich Köhler a escrever que a própria aventura, representada pela valentia, pela procura da identidade por parte do cavaleiro no mundo da corte, é em última análise ela própria uma maravilha”.⁵ Semelhante interpretação desse conceito, a

³ *A Demanda do Santo Graal*: manuscrito do século XIII / texto sob os cuidados de Heitor Megale. São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. p. 41.

⁴ JORGE, Lúcia. *O dia dos prodígios*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1984. p. 23-5.

⁵ LE GOFF, Jacques. *O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa: Edições 70, 1989. p.21.

partir do termo *mirabilia* que provém da raiz *mir* (*miror*, *mirari*), será retomada para a pesquisa da obra de Lidia Jorge.

Assim, a análise incidirá, principalmente, nas figuras da **Besta Ladrador** no contexto de *A Demanda* e da **Serpente Voadora** em *O Dia dos Prodígios*, enquanto arquétipos do **Mal**, correlacionando-os com as representações do **Bem**, tanto no espaço como no tempo míticos dos textos em estudo.

As novelas de cavalaria, enquanto uma das mais significativas expressões da prosa, na época do trovadorismo, têm sido, há séculos, como nenhuma outra narrativa, o universo ficcional em que o homem comum mais se refugiou e aquele que buscou mais livremente.

Em princípio transmitidas oralmente, aparecem escritas a partir do século XI. Baseadas em uma instituição militar antiquíssima – babilônios e egípcios já dela se utilizavam – as novelas elevaram essa instituição a um nível mítico.

Em *A Literatura portuguesa em perspectiva* observa-se que a matéria ficcional da *Demanda*, procedente de várias fontes ficaria incompleta sem algumas contribuições oferecidas pela realidade histórica que podem ser resumidas em quatro fatos:

- ✚ a voga do neoceltismo, em que o papel de Chrétien de Troyes como divulgador da “matéria de Bretanha” vem antecedido e possibilitado pelo da conquista normanda, empreendida por Guilherme, o Conquistador (1066);
- ✚ o movimento intenso das Cruzadas, aproximando Ocidente e Oriente, desde a Primeira Cruzada (1095) incentivada por Cluny, mosteiro beneditino;
- ✚ o surgimento da lírica trovadoresca, com o primeiro trovador em língua vernácula, Guilherme IX, duque de Aquitânia (século XI) e
- ✚ a ascensão da Cavalaria, que de simples organização militar, para defesa das fronteiras de invasões inimigas, começa a transformar-se, com Carlos Magno (século IX), numa espécie de confraria religiosa, que exigia do ingressante a obediência a uma série de rituais. Vale lembrar a criação das Ordens Militares, das quais a mais famosa é a dos Cavaleiros templários, no século XII e o surgimento da figura do “monge-guerreiro”, um tipo de padre com obrigações leigas, que protegia os peregrinos que se dirigiam à Terra Santa.⁶

Acontece que, além disso, a *Demanda* deixou um retrato do homem medieval que transparece por trás dos procedimentos narrativos, de um contraditório que permeia toda a obra e, principalmente, do insólito, do maravilhoso, do inverossímil, que são os grandes atrativos para os homens de todas as épocas.

A presente análise enfoca, por outro lado, a primeira obra de Lídia Jorge intitulada *O Dia dos Prodígios* e estimulada pela revolução de abril de 1974, da nação lusitana. Esse livro, publicado em 1980, constrói-se como uma alegoria do país fechado e parado que Portugal era sob a ditadura, à espera permanente de uma força que o transformasse. A linguagem narrativa, impregnada de realismo mágico, mistura vários planos narrativos, numa estrutura polifônica de onde se destacam personagens que adquirem uma dimensão metafórica, ou mesmo mítica.

As duas narrativas indiciam a forte presença de recursos expressivos da linguagem, principalmente aqueles diretamente ligados à semântica e à lógica, privilegiando metáforas,

⁶ MONGELLI, Lênia Márcia de Medeiros; MALEVAL, Maria do Amparo Tavares e VIEIRA, Yara Frateschi. *A literatura portuguesa em perspectiva: trovadorismo e humanismo*. São Paulo: Atlas, 1992.v.1. p. 63-4.

metonímias, sinédoques, sinestésias, símbolos e alegorias, caracterizando diversos arquétipos. Neste aspecto vale registrar alguns conceitos sobre a psicologia analítica:

Se a teoria de Jung sobre o papel das imagens é uma das mais profundas, a sua terminologia relativa ao símbolo é das mais confusas e flutuantes. Arquétipos, símbolos e complexos são constantemente confundidos. No entanto, Jung parte de uma diferença muito firme e nítida entre signo-sintoma e símbolo-arquétipo para criticar a psicanálise freudiana. Ora, Jung, ao retomar a definição clássica do símbolo redescobre explicitamente que esta última é, em primeiro lugar, multívoca (ou mesmo equívoca) e, por conseguinte, que o símbolo não pode ser assimilado a um efeito que se reduziria a uma ‘causa única’. O símbolo remete para algo, mas não se reduz a uma única coisa. Por outras palavras, “o conteúdo imaginário da pulsão pode interpretar-se ... quer redutivamente, isto é, *semioticamente*, como a própria representação da pulsão, quer, *simbolicamente*, como sentido espiritual do instinto natural.” (In: JUNG, *Die Psychologie der Uebertragung*, Zurique, 1946, pp. 17,18,23). Este ‘sentido espiritual’, esta infra-estrutura ambígua da própria ambiguidade simbólica, é aquilo que Jung chama o *arquétipo*.⁷

4

Consultando, ainda, a obra *Literatura portuguesa em perspectiva* observa-se que “Um ponto crucial, grandemente responsável pela tensão em que se debatem os cavaleiros, é fato de todos terem ‘jurado a demanda’ sobre uma *res sacra*. Hiperbolizando esse ritual transcrito, quase sem retoques, do princípio da fidelidade da era feudal, a *Demanda* insiste no crime do perjúrio como pecado mortal, punido com as penas do Inferno – de que se pode ter uma amostra na figura terrífica da Besta Ladrador.”⁸ Com efeito, o episódio do capítulo XLIV intitulado “Erec mata sua irmã” – mostra o rigor quanto à quebra de um juramento. Observe-se o seguinte fragmento que ilustra a necessidade de uma penitência imediata, que culmina com a morte e a espera do Julgamento Final:

Tal foi o sonho que Erec sonhou aquela noite, e houve tão grande espanto, que se despertou e persignou-se muitas vezes e fez sua oração a Deus e a Santa Maria e a todos os santos, que o guardassem de má andança e de desventura. Toda a noite pensou nisto tanto que não pôde dormir. E quando foi dia, levantou-se ele e Meraugis e foram ouvir missa do Espírito Santo. Aquele dia, estando todos sentados comendo com grande alegria, e a irmã de Erec, que era muito formosa e muito agradável, estando sentada perto de seu irmão, aconteceu que, por desventura, a má donzela entrou, aquela que levou lá Erec e

⁷ DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. 6. ed. Lisboa: Edições 70, 1993.p. 56.

⁸ MONGELLI, op. cit., p. 68.

Meraugis. Quando ela viu Erec perto de sua irmã, dirigiu-se a ele e disse-lhe:

- Erec, vós me deveis um Dom o qual vos ontem recordei, e quero que o saibam quantos aqui estão.
(...) - Erec, eu te peço a cabeça dessa donzela que senta perto de ti. (...) ⁹

Assim, ou ele se torna fratricida (o que realmente acontece) ou transgredir o juramento efetuado, crimes condenados tanto pela ética cavaleiresca quanto pela ortodoxia cristã. Conforme indicado na obra supracitada, o remorso surge quase simultaneamente ao ato criminoso e a expiação prossegue por “páginas e páginas de ‘*doo*’ (carpimento, compaixão por si mesmo), até que o resgate (ou o perdão de Deus) é conseguido pelas armas, pois Erec morre honradamente numa justa legal.”¹⁰.

A cristianização d’ *A demanda* se evidencia, uma vez mais, pois a Igreja, por trás da Cavalaria, exercita um papel de controle da passagem dos atos profanos para os sagrados, sobretudo na Idade Média, em que a perspectiva do futuro, não era apenas cronológica, mas acima de tudo escatológica. A escolástica, no entendimento de Le Goff, assegura o desenvolvimento da Teologia do Purgatório com a adesão das novas ordens mendicantes: os dominicanos, da ciência universitária, de forma imediata e os franciscanos, com mais dificuldade.¹¹

Segundo Hilário Franco Júnior “Na sua luta contra a matéria, os monges, através de práticas ascéticas (meditação, oração, mortificação), procuravam libertar-se das coisas corpóreas como instrumento de retorno a Deus, pois o sofrimento voluntário restaura a inocência perdida pelo pecado.”¹² O autor enfatiza, também, o valor da peregrinação como forma de penitência e da submissão às recomendações da Igreja sobre as relações sexuais.

Em *A literatura em perspectiva* é citado que “a presença da mulher na Santa Busca era considerada pecado mortal” e que Eros, o deus do amor, comandava relações incestuosas e desvários de toda ordem no reino de Logres. À luz do texto observa-se que “à exceção de Galaaz, todos os cavaleiros ou carregam pecados da juventude ou continuam pecando: Boorz é pai solteiro de Elaim, o Branco: Artur, o pequeno, é filho bastardo do Rei Artur; Persival quase cede à ‘donzela da tenda’ que o tentou; Erec cai desmaiado perto da ‘Fonte da Virgem’, onde tombariam todos os acusados de “fornicação”; Palamades ama a rainha Iseu, a mesma esposa de Rei Mars que é amante de Tristão etc.”¹³

É relevante assinalar que Lancelote, o mais valente e mais famoso guerreiro da corte arturiana, é também o maior de todos os pecadores pois é responsável pela bastardia de Galaaz e ama Ginevra, a mulher do Rei Artur, de quem é vassalo. Segundo o Professor Massaud Moisés, citado na obra em referência, o Amor de Lancelote é a sua própria punição, já que não

⁹ *A Demanda do Santo Graal*: manuscrito do século XIII/texto sob os cuidados de Heitor Megale. São Paulo: T. A. Queiroz: EDUSP, 1988. p. 241.

¹⁰ Idem, *ibidem*, p. 69.

¹¹ LE GOFF, Jacques. *O Nascimento do Purgatório*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993. p. 283-4.

¹² FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A idade Média: nascimento do Ocidente*. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, [1986]. p. 163.

¹³ MONGELLI, op. cit., p.69.

o consegue anular, embora ciente dos malefícios que lhe acarreta. Talvez isso ocorra e seu fardo seja maior pelo fato de ele ser pai de Galaaz, o que veio para redimir o reino de Logres.¹⁴

Ao entrar em cena, Galaaz já é anunciado por avisos e sinais do céu: ele será o Cordeiro responsável pela busca e encontro do Graal, pela salvação. Mas possui ainda outra característica do Messias-Cavaleiro: tal como Artur, ele é filho de um nobre guerreiro (Lancelot) e permanece durante toda sua formação alheio à vida na corte, vivendo em um mundo que poderíamos chamar de “encantado”. Quando retorna, dá mostras de ser o “Desejado”, pois ocupa o “Assento Perigoso” e tira a “espada da pedra”, como fizera rei Artur com Excalibur. O anúncio da chegada de Galaaz é feito da seguinte maneira:

“Rei Artur, eu te trago o cavaleiro desejado, aquele que vem da alta linhagem do rei Davi e de José de Arimatéia, pelo qual as maravilhas desta terra e das outras terão fim.”¹⁵

O texto sugere, também, imagens certamente inspiradas no Apocalipse de São João: como a Besta Ladrador representando o próprio demônio do final dos tempos e Galvão como o Anti-Cristo e anti-herói. A mensagem da novela é pessimista, pois seu objetivo é mostrar a decadência de um mundo dominado pelo pecado e pela traição, onde mesmo o Messias e o Graal juntos não conseguem levar a salvação aos seus habitantes. Galaaz prefere morrer e o Graal desaparece da Inglaterra. O reino é invadido e o rei Artur enfrenta-se com a linhagem de Lancelot, culminando com a ocupação de Camelot pelo Rei Mars. O rei Artur é levado na Barca para a ilha de Avalon e a esperança passa a fazer parte de cada um dos que ficaram.

Numa tentativa de aproximação intertextual, o Apocalipse de São João refere-se no Capítulo 2, versículos 26-9:

E àquele que vencer e que praticar as minhas obras até ao fim, eu lhe darei poder sobre as nações, e as regerá com vara de ferro e serão quebradas como vaso de oleiro, como também eu o recebi de meu Pai, e dar-lhe-ei *a estrela da manhã. Aquele que tem ouvido, ouça o que o Espírito diz às Igrejas.*¹⁶ (os grifos em itálico são nossos).

No *O dia dos prodígios* diz o narrador que Vilamaninhos tem seis braços. São três vias que se cruzam, simbolizando cada uma um estágio de desenvolvimento: o primitivo, em ladeira, feito de lajedos e pequenos degraus de pedra; o macadamizado e sinuoso; restos da antiga e a mais nova, de um péssimo asfalto. Assim, vista de perto, a aldeia é pura ruína, decadência. Vista do alto, poeticamente e com profundo sentido religioso Vilamaninhos se assemelha a uma estrela de seis pontas: um hexagrama, e, nesta acepção o símbolo do macrocosmo ou do homem universal.¹⁷

Segundo Biedermann “as estrelas iluminam o céu noturno, e são consideradas símbolos da ordenação cósmica, por causa de seu movimento em torno da estrela Polar (eixo do mundo), e, também indicam “a luz que vem do alto, nem sempre reconhecível.”¹⁸ A estrela de seis pontas,

¹⁴ Idem, *ibidem.*, p. 71.

¹⁵ DSG, p. 35.

¹⁶ BÍBLIA SAGRADA. 44. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1987. p. 1.343-4.

¹⁷ CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992. p. 304.

¹⁸ BINDERMAN, Hans. *Dicionário ilustrado de símbolos*. São Paulo: Melhoramentos, 1993. p. 146-50..

formada por dois triângulos superpostos, o hexagrama, era considerada o selo mágico do rei Salomão (“*Sigillum Salomonis*”) e o escudo de Davi (“*Scutum Davidis*”). Relewa lembrar que Artur – o rei Urso, símbolo da estrela Polar (*Arcturus*), na Terra, é o *Rex* ou princípio regulador da harmonia entre o Céu e a Terra.¹⁹

Assim, é possível reunir três momentos de interesse intertextual neste ensaio: a representatividade de Vilamaninhos, enquanto símbolo estelar, como a própria síntese de Portugal, naquele momento histórico da Revolução dos Cravos, em busca de sua identidade. Em situação oposta se encontra o reino arturiano, do *dux bellorum*, agora decadente, na perda de sua integridade. Num segundo momento é possível conceber que a estrela pode significar o símbolo do próprio Cristo como apontado no Apocalipse (22,16) : a estrela resplandecente da manhã.²⁰

O terceiro momento, o da dualidade Bem x Mal, está representado no espaço mítico de Vilamaninhos, atrasado e telúrico²¹, em que a Serpente Voadora ou o Dragão surgirá e, como por encanto, desaparecerá nos ares depois de morta por Jesuína Palha, como se fora um São Jorge. Assim, também, a Besta Ladrador, no espaço arturiano, será perseguida até ser vencida por Palamades, o guerreiro das armas negras, na presença de Galaaz, o cavaleiro escolhido, ou seja, o próprio Cristo em sua peregrinação entre os homens.

Simbolicamente, a serpente pode representar o mundo infernal, por fazer das profundezas da terra o seu “habitat” e, por decorrência o reino dos mortos, e, paradoxalmente, o rejuvenescimento, indiciado pela periódica “troca de peles”.²² Os seus predadores, normalmente os pássaros (águia, cegonha, falcão) recebem uma valoração simbólica positiva e, assim se estabelece a dualidade: morte / vida, céu / terra etc.

A serpente pode representar também a psiquê inferior, o psiquismo obscuro, o que é raro, incompreensível, misterioso. A serpente visível aparece como breve encarnação de uma Grande Serpente Invisível, causal e atemporal, senhora do princípio vital e de todas as forças da natureza.²³

Por outro lado, na *A Demanda do Santo Graal*, a Besta Ladrador pode sugerir a figura do dragão e, neste caso, como símbolo da animalidade selvagem que pode ser superado pela força disciplinada.

A simbologia cristã vê o dragão como encarnação do demônio, ou de Lúcifer, vencido pelo arcanjo Miguel e lançado no Inferno. Por esse motivo, os dragões são muitas vezes associados ao elemento fogo.²⁴ O texto permite essas associações pois o narrador ao descrever a gênese da Besta revela que a filha do rei Hipômenes tinha amor incestuoso, não correspondido, pelo seu próprio irmão. Repudiada, intenta o suicídio quando “apareceu-lhe o demo em figura de homem tão formoso e tão bem feito que maravilha”²⁵ que a seduz após arquitetar um plano que a permitisse vingar-se de seu casto e religioso irmão. Induzido pelas mentiras e atendendo o desejo de sua filha o rei decreta que o rapaz seja lançado aos cães em jejum de sete dias. Antes da morte violenta o jovem clama por justiça, revela estar a irmã seduzida e grávida do demônio e profetiza que o filho que vai nascer será, em verdade, uma besta descomunal e que trará dentro de si “cães que ladrarão em memória” dos cães que o iriam

¹⁹ SCHWARZ, Fernando et al. *A lenda de Artur: significado do mito*. Lisboa: Nova Acrópole, 1994. p. 34-8.

²⁰ BÍBLIA SAGRADA. 2. ed. Santo André: Geográfica Editora, 2010. p. 1.843. Apocalipse. Cap. 2.

Versículos 26-9.

²¹ JORGE, Lídia. *O dia dos prodígios*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1984. p. 16.

²² BINDERMAN, op. cit., p. 344-5.

²³ CHEVALIER, op. cit., p. 815.

²⁴ Idem, *ibidem*, p.128-9.

²⁵ DSG, p.458.

vitimar. Ela fará muito mal até que um bom cavaleiro Galaaz esteja em sua caça. Após o nascimento da besta, o rei mandou matar “da pior morte” a própria filha.

De acordo com Le Goff

No século XII, o que caracteriza as novas atitudes em relação ao tempo é a combinação entre o tempo escatológico e o tempo terrestre cada vez mais penetrado de linearidade e sobretudo cada vez mais entrecortado de normas, de pontos de referência, de porções de tempo. Este tempo sucessivo que é também o tempo da narração é particularmente sensível na literatura narrativa que conhece uma extraordinária voga depois de 1150 e sobretudo depois de 1200: os pequenos poemas narrativos, os contos em verso, o romance, tornam-se em poucos decênios gêneros de sucesso.”²⁶

A obra de Lídia Jorge, autora contemporânea, que opera uma ficção intimista e experimental, busca reflexões sobre a mudança do meio, questionando-o, perplexa quanto à vida da nação lusa, face a uma realidade opressora, retrógrada. Daí o paralelo possível com a Idade Média, ou seja, quão arcaica ainda é Portugal, na época da Revolução dos Cravos, na expectativa de um Graal redivivo, da Salvação, do Mosto Divino numa atmosfera fantástica, surreal, em que se encontram e se confundem o mundo sobrenatural e o mundo real ²⁷. Os aldeãos e, por extensão o povo português, nostálgico dos prodígios passados, não percebe que a mudança tem de ser feita, de forma consciente e objetiva pela própria nação. A autora parece indicar que além do mero entretenimento, a ficção proposta é a de uma nova visão de mundo e que o Dia dos Cravos seja, com efeito, o dia da revelação. A cobra é uma metáfora da força opressora. E qual uma esfinge ela não é decifrada conforme se observa nas falas finais, quando, por exemplo, Jesuína Palha diz: “Nem mais na vida acredito em sinais. E ainda disse. Julgava eu que aqueles vinham libertar a gente da angústia”.²⁸ E o homem português em Vilamaninhos continua expectante, aguardando “asas, mantos, luzes, chuvas de maravilhas”, como o Mosto do Céu.

Em outro foco, *A Demanda* talvez revele um sentido positivo das ações, face à proposta de cristianização da lenda arturiana. O próprio rei Artur se projeta, de maneira política e social, como um mito civilizador que não abrange apenas uma época determinada, mas todos os inícios dos grandes ciclos históricos fundamentados na busca de uma via libertadora para a existência humana.

Nesta obra de intenção moralizante e que se permite a longos excursos, pretensamente didáticos e catequéticos, há um desafio hermenêutico seja pela intensa carga simbólica, seja pela temporalidade marcada pela ritualização como, por exemplo, no episódio de Galaaz em Corberic “Depois que Peles foi curado, fez sua oração muito longo tempo” ou “Os doze cavaleiros que ele deixou no paço aventureiro, ficaram lá até a hora de vésperas.” seja pelo próprio tempo mítico, o da celebração de Pentecostes, da vinda do Espírito Santo, portanto, numa perspectiva não-linear, mas circular, de eterno retorno como na seguinte passagem em que Galaaz conduz Persival, Boorz e todos os outros cavaleiros ao paço venturoso:

²⁶ LE GOFF, Jacques. *O nascimento do purgatório*. Lisboa: Editorial Estampa. p. 345.

²⁷ EVOLA, Julius. *O mistério do Graal*. Lisboa: Vega, 1978. p. 158.

²⁸ JORGE, Lídia. *O dia dos prodígios*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1984. p. 170.

E depois que entraram na câmara e viram a mui rica coroa de prata sobre a qual o mui santo Vaso estava, não houve quem não reconhecesse que aquele era o santo Graal; e ficaram logo de joelhos no chão tão alegres e com tão grande prazer no que viam, que lhes pareceu que nunca haviam de morrer.²⁹

A obra revela uma bipolaridade ora em torno da “segre”, da vida profana, das raízes nas lendas célticas e que é percebida pela presença de cortes, castelos, reis Artur, Bandemaguz, Boorz, Brutos, Lac, Mars, Peles, Pelinor, Mars; pelos caminhos, encruzilhadas, florestas e fontes em oposição ao “espírito” traduzido pelas ermidas, abadias, pelo mar, barca de Salomão, Corberic e Sarras.

No contexto da Demanda releva citar a saga de Palamades, o cavaleiro das armas negras, há doze anos no enalço do Mal, lutando contra todos que estivessem em idêntica busca – o da caça à Besta Ladrador . Na presença de Galaaz e Persival, Palamades fere de morte a Fera Terrífica que desaparece de maneira fantástica conforme este relato final:

E Palamades, que era muito corajoso e que o tinha afinco e muita dificuldade já passara já por causa dela para matá-la, meteu-se no lago, a cavalo como estava e feriu a besta de tal modo, que lhe passou ambos os costados, de modo que o ferro da lança, com grande parte da hasta passou do outro lado; e ela deu um grande berro e tão espantoso, que espantou o cavalo de Palamades e dos outros de modo que com dificuldade os podiam segurar. Mas a besta, quando se sentiu ferida, meteu-se em baixo da água e começou a fazer uma tão grande tempestade pelo lago , que parecia que todos os diabos do inferno estavam no lago e começou a fazer e expedir chamas tão grandes de todas as partes, que não há quem o visse que o não tivesse por uma das maiores maravilhas do mundo. Mas aquela chama não durou muito, mas aconteceu uma *maravilha* que ainda agora lá permanece: aquele lago começou a esquentar e a ferver, de modo que nunca parou de ferver, antes ferve e ferverá sempre, enquanto o mundo existir, como os homens cuidam. Aquele lago, que por tal *maravilha* tomou aquela quentura como vos conto, agora tem nome de lago da besta.³⁰ (itálicos nossos).

9

Importa registrar, ainda, outra passagem miraculosa, a que se refere ao cervo branco protegido por quatro leões.³¹ Na Antiguidade, o cervo era considerado inimigo das serpentes venenosas e o leão, na simbologia cristã a expressão da força da tribo de Judá.³² O cervo, também representante da sabedoria e da ascese, após entrar em uma ermida se transforma em homem e senta-se sobre o altar em uma cadeira muito formosa e muito rica – um verdadeiro trono - e os leões em quatro figuras descomunais: um anjo, um leão mil vezes mais formoso do

²⁹ DSG, p.447.

³⁰ DSG, p. 442-3.

³¹ DSG, p. 332.

³² BIEDERMANN, op. cit., p.84 et passim.

que antes era, uma águia e um boi. Todos com quatro asas grandes “a maravilha pelas quais lhes parecia que podiam bem voar, se quisessem.”³³ O anjo é a personificação da vontade de Deus; o leão, um ser de grande mas controlada energia; a águia, o símbolo da vitória da luz sobre as forças sombrias e, o boi, a força pacífica e executor de desígnios divinos.³⁴

O monstro da Besta, na Demanda, é uma síntese imagética, portanto de origem inconsciente. Ela é a projeção sombria do inconsciente coletivo, com a qual Palamades se identifica como o “cavaleiro das armas negras”. A sombra no conceito de Jung corresponde ao *alter ego*, “é a nossa irmã no escuro”, ou seja, a parte da personalidade que foi reprimida em benefício do ego ideal.³⁵

Na obra *Por quem peregrinam os cavaleiros de Artur* nota-se que

Para servir de contraponto à Besta demoníaca, encarnação do Satanás, o próprio Jesus fez-se alegoricamente representar no Cervo Branco, não só pela equivalência possível do poderio dos contendores, como “para lembrar aos temerosos cavaleiros a onipresença de Deus, mesmo que oculta ou indiretamente manifesta.”³⁶

As figuras aladas, ladeando o cervo-branco ou o homem purificado, assim como o Espírito Santo que é identificado também por uma pomba branca, justificam essa inspirada interpretação da presença divina.

Em *O espírito na arte e na ciência*, Jung transmite uma idéia adequada à presente análise quando se refere ao significado social da obra de arte, afirmando que o artista parte da insatisfação do presente e recua no tempo até encontrar no inconsciente aquela imagem primordial adequada para compensar de modo mais efetivo a “carência e unilateralidade do espírito da época”.³⁷

Assim, **Anjos e Monstros**, identificados na *A Demanda do Santo Graal* com as fantásticas figuras do Cervo-Branco e da Besta Ladrador e no *O Dia dos Prodígios* com a representatividade mágica da Estrela e da Serpente, entre tantos outros símbolos ligados à essência do Bem e do Mal, registram e atestam:

✚ no contexto da *Demanda*, o reflexo das crenças escatológicas e milenaristas que dominavam os meios eruditos e populares da Baixa Idade Média e,

✚ na efervescência da Revolução dos Cravos (flor que por ironia reporta à Paixão de Cristo) em *O Dia dos Prodígios*, às vésperas do século XXI, a eterna busca humana de um Graal que revele sua autêntica

³³ DSG., p. 332.

³⁴ Idem, ibidem, p.332 et passim.

³⁵ WHITMONT, Edward C. *A busca do símbolo*. São Paulo: Cultrix, 1995.p. 144.

³⁶ MONGELLI, Lênia Márcia de Medeiros. *Por quem peregrinam os cavaleiros de Artur*. Cotia: Ibis, 1995. p. 101.

³⁷ JUNG, Carl Gustav. *O espírito na arte e na ciência*. 2.ed.Petrópolis: Vozes, 1987.p.71.

fisionomia, em oposição às credices mistificadoras, através da estesia emanada do realismo maravilhoso da ficção contemporânea.

Registra-se, ao final, a posição de Irlemar Chiampi, ao dizer que a literatura fantástica e o realismo maravilhoso compartilham muitos traços, como a problematização da racionalidade, a crítica implícita à leitura romanesca tradicional e o jogo verbal para obter a credibilidade do leitor e, "razão de frequentes confusões da crítica literária, compartilham os mesmos motivos servidos pela tradição narrativa e cultural: aparições, demônios, metamorfoses, desarranjos da causalidade, do espaço e do tempo."³⁸

E ao evocar todo um plano literário, ético e estético sobre **Anjos e Monstros** vale a releitura do *Novo Testamento* e, em particular, da **Epístola aos Hebreus: O Filho é Superior aos Anjos**:

Há muito tempo Deus falou muitas vezes e de várias maneiras aos nossos antepassados por meio dos profetas, mas nestes últimos dias falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e por meio de quem fez o Universo. O Filho é o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu ser, sustentando todas as coisas por sua palavra poderosa. Depois de ter realizado a purificação dos pecados, ele se assentou à direita da Majestade nas alturas, tornando-se tão superior aos anjos quanto o nome que herdou é superior aos deles.³⁹

11

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Demanda do Santo Graal. edição preparada por Augusto Magne. Rio de Janeiro: INL, 1944. 2v.

A Demanda do Santo Graal: manuscrito do século XIII / texto sob os cuidados de Heitor

³⁸ CHIAMPI, Irlemar. *O realismo maravilhoso: forma e ideologia no romance hispano-americano*. São Paulo: Perspectiva, 1980. p. 52-3.

³⁹ BÍBLIA SAGRADA. Edição trilingue. 2. ed. Santo André: Geográfica Editora, 2010. p. 1790. Hebreus. Cap. 1. Versículos 1-4.

Megale. São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

BÍBLIA SAGRADA. 44. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1987. p. 1.343-4.

BÍBLIA SAGRADA. Edição trilingue. 2.ed Santo André: Geográfica Editora, 2010. p. 1790. Hebreus. Cap 1. Versículos 1-4

BINDERMAN, Hans. *Dicionário ilustrado de símbolos*. São Paulo: Melhoramentos,

1993.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 6. ed. Rio de

Janeiro: José Olympio, 1992.

CHIAMPI, Irlemar. *O realismo maravilhoso: forma e ideologia no romance hispano-*

americano. São Paulo: Perspectiva, 1980.

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. 6. ed. Lisboa: Edições 70, 1993.

EVOLA, Julius. *O mistério do Graal*. Lisboa: Vega, 1978.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A idade Média: nascimento do Ocidente*. 3.ed. São Paulo:

Brasiliense, [1986].

JORGE, Lídia. *O dia dos prodígios*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1984.

JUNG, Carl Gustav. *O espírito na arte e na ciência*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

LE GOFF, Jacques. *A civilização do ocidente medieval*. Lisboa: Estampa, 1983. v. 2.

_____. *O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa: Edições 70, 1989.

_____. *O nascimento do Purgatório*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.

MONGELLI, Lênia Márcia de Medeiros, MALEVAL, Maria do Amparo Tavares e

VIEIRA, Yara Frateschi. *A literatura portuguesa em perspectiva: Trovadorismo e humanismo*. São Paulo: Atlas, 1992. v.1.

_____. *Por quem peregrinam os cavaleiros de Artur*. São Paulo: Íbis, 1995.

SARAIVA, Antonio José. *O crepúsculo da Idade Média em Portugal*. Lisboa: Gradiva,

1988.

SCHWARZ, Fernando et al. *A lenda de Artur: significado do mito*. Lisboa: Nova Acrópole,

1994.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1970.

WHITMONT, Edward C. *A busca do símbolo*. São Paulo: Cultrix, 1995.

NOTAS COMPLEMENTARES

Lídia Jorge é uma escritora portuguesa. Nascida em Boliqueime / Loulé (Algarve), licenciou-se em Filologia Românica pela Universidade de Lisboa, tendo sido professora do Ensino Secundário. Foi nessa condição que passou alguns anos decisivos em Angola e Moçambique, durante o último período da Guerra Colonial. Foi membro da Alta Autoridade para a Comunicação Social e integra o Conselho Geral da Universidade do Algarve. A publicação do seu primeiro romance, *O Dia dos Prodígios* (1980) constituiu um acontecimento num período em que se inaugurava uma nova fase da Literatura Portuguesa. Seguiram-se os romances *O Cais das Merendas* (1982) e *Notícia da Cidade Silvestre* (1984), ambos distinguidos com o Prémio Literário Município de Lisboa. Mas foi com *A Costa dos Murmúrios* (1988), livro que reflete a experiência colonial passada em África, que a autora confirmou o seu destacado lugar no panorama das Letras portuguesas. Dentre várias outras obras, *A Noite das Mulheres Cantoras*, publicado em março de 2011, é seu mais recente romance. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jorge>. Acesso em 14 jun. 2012.

13



REVISTA PRIMUS VITAM